

**TRADIÇÕES DA ROÇA NA FESTA DO DIVINO PAI ETERNO EM
TRINDADE (GO): COMÉRCIO PERIÓDICO E ROMARIA DE CARROS DE
BOIS¹**

**RURAL TRADITIONS AT THE PARTY FROM DIVINE ETERNAL FATHER
IN TRINDADE (GO): PERIODIC TRADE AND PILGRIMAGE OF CARS OF
OXEN**

**TRADICIONES CAMPESTRES EM LA FIESTA DEL DIVINO PADRE
ETERNO EN TRINDADE (GO): COMERCIO PERIÓDICO Y ROMERÍA DE
CARROS DE BUEYES.**

**TRADITIONS RURAUX DANS LA FÊTE DU DIVIN PÈRE ETERNEL À
TRINDADE (GO) : DU COMMERCE PERIODIQUE ET DU PELEGRINAGE
SUR CHARRETTES DE BOEUFs**

Carlos Eduardo S. Maia² carlmaia@uol.com.br,

Tito Oliveira Coelho³ titocoelho2000@yahoo.com.br

RESUMO:

O presente trabalho trata do comércio varejista periódico e da Romaria de Carros de bois no tempo-espaço da Festa do Divino Pai Eterno em Trindade, GO, eventos que se manifestam, nesta cidade, como tradições rurais. Objetivou-se, a partir de uma discussão sócio-cultural de dados levantados em arquivos, jornais, revistas, livros e documentos relacionados ao tema, além de entrevistas e questionários aplicados em 2001 e 2002, estudar a festa como elemento importante para os comerciantes esporádicos, locadores de pontos (habitantes da cidade) e para o Município de Trindade. A Romaria de Carros de bois é vista como um de seus componentes singulares, pois, apesar de haver outras em Goiás, nenhuma se iguala àquela em número de participantes. Apresentam-se, rapidamente, alguns aspectos da historicidade da Festa do “Arraial do Barro Preto” a fim de se compreender a inserção destes elementos (comércio e romaria)

¹ Texto parcialmente elaborado a partir do trabalho apresentado no VI Congresso Brasileiro de Geógrafos, realizado em Goiânia no ano de 2004, intitulado “Quem Vai Querer? A feira na festa do Divino Pai Eterno em Trindade (GO)”.

² Professor Adjunto no IESA/UFG. E-mail: carlmaia@uol.com.br

como tradições locais, analisando-se, paralelamente, a interferência do clero e de agentes laicos na organização da Festa. Verificou-se que essas múltiplas influências (da gente da “roça”, do poder público e da Igreja) implicaram em constantes mudanças no modo de se fazer a festa, recriando a arte de realizá-la, afirmando a tradição da romaria ao Pai Eterno em Trindade e atraindo cada vez mais vendedores e consumidores.

Palavras-chave: comércio periódico, romaria, tradições rurais.

SUMMARY:

The present work treats of the retail periodic trade and of the Pilgrimage of Cars of Oxen in time-space of the party from Divine Eternal Father in Trindade, GO, events that reveal, in this town, how rural traditions. It opposed, upwards from an associate-cultural discussion of data raised in archive, newspapers, magazines, books and dossier connected to the theme, over interviews and questionnaires applied in two thousand one (2001) and two thousand two (2002). To study about the party how important element to the sporadic merchants, landlords of points (inhabitant from town) and to the Municipal District from Trindade. The pilgrimage of cars of oxen is seen how one of their singulars components, because, in spite there to be others in Goiás, no one it equal to that one in number of participators. They showed up, swiftly some, aspects from the history of the party from Camp from Barro Preto, in order to understand it the insertion of these elements (trade and popular festival) how locals traditions, analyzing it, parallely, the interference of the clergy and of laymen agents in the organization of the Party. It checked that these multiple influences (of power and of the church). They resulted in change constants in the manner to do the party, recreating the art to do the party, recreating the art to realize it, establishing the tradition of the pilgrimage to the Eternal Father in Trindade and bringing more and more sellers and consumers.

Keywords: Periodic trade, Pilgrimage, Rural traditions.

RESUMEN:

El presente trabajo trata del comercio minorista periódico y de la Romería de Carros de Bueyes en el tiempo y el espacio de la Fiesta del Divino Padre Eterno en Trindade, GO,

³ Mestre em Geografia pelo IESA/UFG e Professor das Redes Estadual de Ensino de Goiás e Municipal de Goiânia. E-mail: titocoelho2000@yahoo.com.br

acontecimientos que se manifiestan, en esta ciudad, como tradiciones rurales. Se pretendió, a partir de una discusión socio-cultural de datos recogidos en archivos, diarios, revistas, libros y documentos relacionados con el tema, además de entrevistas y encuestas ejecutadas en 2001 y 2002, estudiar la fiesta como elemento importante para los comerciantes ocasionales, para los inquilinos de locales de venta (habitantes de la ciudad) y para la municipalidad de Trindade. La Romería de Carros de Bueyes es vista como uno de sus componentes singulares, pues, a pesar de existir otras en Goiás, ninguna se aproxima de aquélla en número de participantes. Presiéntanse, rápidamente, algunos aspectos de la historia de la Fiesta del “Arraial do Barro Preto” (Aldehuela del Barro Preto), a fin de comprenderse la inclusión de estos elementos (comercio y Romería) como tradiciones locales, analizándose, paralelamente, la interferencia del clero y de agentes laicos en la organización de la Fiesta. Se verificó que esas múltiples influencias (de la gente del campo, del poder público y de la Iglesia) implicaron en constantes mudanzas en el modo de organizarse la fiesta, transformando el arte de realizarla, afirmando la tradición de la Romería del Padre Eterno en Trindade y atrayendo cada vez más vendedores y consumidores.

Palabras clave: comercio periódico, romería, tradiciones campestres.

RESUME:

Dans le présent travail s'agit-il du commerce au détail piodique et du pèlerinage sur charrets de boeufs au temps et dans l'espace de la Fête du Divin Père Eternel à Trindade, GO, événements que se manifestent à cette ville, comme des traditions champêtres. D'une manière objective, et à partir d'un débat socio-culturel de donnés extraites d'archives, de journaux, de magazines, de livres et de documents rapportés au sujet, au delà d'entretiens et aussi d'interviets réalisées parnu 2001 et 2002, on a cherché d'étudier la fête comm'un milieu important pour les commerçants transitoires, loueurs d'endroits commerciaux (habitants de la ville) et pour la municipalité de Trindade. L'on voit le Pèlerinage sur charrettes de Boeufs comm'un de ses composants plus singuliers car malgré l'existence d'autres Pèlerinages á Goias, aucune s'en égale par le nombre de participants. L'on présente, rapidement, quelques aspects de l'histoire de la Fête du “Arraial do Barro Preto” (Petit Village de Barro Preto) pour faire comprendre l'insertion de ces éléments (commerce et pèlerinage) sous l'aspect de traditions locaux, s'analysant, parallèlement, l'interférence du clergé et d'agents laïcs, à l'organisation de la Fête. Je a

été vérifié que ces multiples influences (des paysans, du pouvoir publique et de l'Église) ont impliqué à constants changements dans la façon de se faire la fête, recréant l'art de la réaliser, affirmant la tradition du pèlerinage au Père Eternel à Trindade et attirant à soi chaque fois plus de vendeurs et de consommateurs.

Mots clefs: commerce périodique, pèlerinage, traditions ruraux.

1) O Melhor da Festa é Esperar por Ela

No Brasil, a implantação do doutrinário Katholikós (universal), além do patrocínio oficial da Coroa Portuguesa e da Igreja (secular e ordens religiosas), sofreu influência da piedade popular, manifestando-se nas rezas espontâneas (comumente com os terços, realizados diante ou não de oratórios), na construção de capelas e igrejas por irmandades laicas, nas “festas de santo” comunitárias, nos dramas e representações rememorando personagens míticas (Cavalhadas), na procura pelos benzedores, etc. Assim, nesse modo de devoção, principalmente em suas expressões de caráter coletivo - e mais ainda na roça (onde a Igreja na maior parte das vezes estava ausente) - tinha-se uma relação de “intimidade com o santo” que permitia certas “transgressões”: pô-lo de cabeça para baixo a fim de se alcançar bênçãos, promover bebedeiras, rega-bofes e “bate-coxas” em seu nome, aproveitar-se da aglomeração festiva como vendilhão.

Amiúde, o homem da roça traduzia ainda esta “intimidade” realizando um deslocamento ritualístico da fazenda para festa na vila ou no arraial, quer dizer, rumo ao núcleo de povoamento onde havia a capela ou a igreja com a imagem de seu protetor, seguindo a pé ou em montaria, sozinho ou acompanhado. Lá, depois de prestar as devidas honras ao santo, apreciava e/ou consumia as novidades que os vendilhões traziam de alhures e aproveitava de outras profanidades.

No presente trabalho, resgatam-se essas duas últimas tradições citadas: a formação de comércio periódico pelos vendilhões e o deslocamento ritualístico, particularmente aquele realizado por carros de bois. Objetiva-se, com isso, revelar como ambas, apesar de integrarem campo e cidade, mantêm suas raízes rurais nas populares “festas do interior” brasileiro.

2) Quem Vai à Feira, Perde a Cadeira

“Ainda é do tempo da minha meninice, as barraquinhas que se armavam no Campo de Sant’ Ana, no largo em frente ao Quartel General, aí pelo

mês de junho, por ocasião das festas tradicionais deste mês. Eram as barraquinhas de Santo Antônio ou de Sant'Ana, não me lembro ao certo o nome popular que tinham; mas sei bem que os poderes públicos do tempo toleravam essa espécie de feira, alicerçada em toscas roletas, porque os empresários pretextavam que a renda dela era destinada a acabar com as obras da matriz de Sant'Ana...

Os virtuosos jornais da época sempre implicaram com tal coisa. Clamavam e apostrofavam contra a desenfreada jogatina que havia naquelas barraquinhas.

(...)

Veio a república, e logo as novas autoridades acabaram com aquela folgança de mês...

...Se não me engano elas foram asilar no adro da igreja de Sant'Ana...

Também aí, creio que por causa dos rolos e conflitos, a polícia acabou com elas... (BARRETO, 1956:21-3)".

O texto de Lima Barreto anteriormente citado refere-se a um dos fenômenos mais característicos tanto do "mundo urbano", quanto do "mundo rural" quando se investigam as tradições festivas: a existência de "feiras" na vigência das "festas de santo". Pode-se dizer que, neste tipo de comércio, alguns fatores relacionados à formação e à perpetuação dos mercados periódicos estão presentes. Desse modo, tal como fizeram BROMLEY, SYMANSKI, GOOD, tentemos, neste momento, romper com uma postura meramente economicista, que relega o "contexto social" e o "desenvolvimento histórico da atividade comercial" e relevar "a sociedade, o costume e a tradição" (1980:184) para compreender a *existência* e a *permanência* das feiras em "festas da roça", particularmente nas "festas de santo".

Destarte, partamos do princípio de que estas feiras não só ocorrem, mas são também modos como "festa de santo" se materializa, particularmente nas sociedades rurais. Por isso, algumas de suas atividades são feitas exclusivamente "para o santo" (leilões de prendas e "barraquinhas da igreja" por exemplo), outras pagam tributo ou taxas à "igreja do santo", ou aos organizadores, para se instalarem (atividades de "comércio formal" de festa, costumeiramente desenvolvidas também em "barraquinhas"), sendo os lucros apropriados pelos "donos da barraca". Por outro lado, há também as atividades que fogem ao controle da igreja ou dos agentes organizadores.

Em efeito, não são taxadas e tampouco destinam seu lucro total ou parcialmente à “festa do santo” (comércios “informal” e “ilegal” de festa).

Contudo, como dizíamos, há elementos nessas feiras que são encontrados nos mercados periódicos constituídos por “aqueles núcleos de povoamento, pequenos, via de regra, que periodicamente se transformam em localidades centrais: uma ou duas vezes por semana, de cinco em cinco dias, durante o período de safra, ou de acordo com outra periodicidade” (CORRÊA, 1988:66). Entre esses elementos podemos destacar o fato de que muitos dos vendedores acumulam as funções de produtores, atividade principal, e a de comerciantes, atividade secundária – paralela e complementar a outras ocupações (BROMLEY, SYMANSKI, GOOD, 1980; CORRÊA, 1988); ou ainda a de “comerciantes fixos” nos dias de rotina e a de “vendedores de festa” (COELHO, 2003).

Afora isso, as “feiras de festas de santo”, como outros mercados periódicos, relacionam-se “aos conceitos sócio-culturais de tempo”, neste caso, ao tempo de ocorrência de “cerimônias religiosas” (BROMLEY, SYMANSKI, GOOD, 1980:185). Como a maioria das festas (mesmo as religiosas) em seu tempo de ocorrência apresenta um caráter “transgressivo”, tendo no “excesso” e na “efervescência” a sua essência (DURKHEIM, 1989; DUVIGNAUD, 1983; FREUD, 1974; CAILLOIS, s.d.; ISAMBERT, 1982; GIRARD, 1990) - característicos que já foram bastante discutidos na “tradição fenomenológica” de estudos das festas - torna-se “alvo” de ações de controle por parte do poder público e da Igreja, o que pode implicar, inclusive, no seu desaparecimento (tal como Lima Barreto observa). Por outro lado, apesar das ações de controle, muitas festas resistem e se fortalecem. Paralelamente, seu comércio diversifica-se, amplia-se e compõe a tradição festiva, demarcando igualmente tempo e espaços “na roça” e na cidade. Neste caso, a força de inércia confere às feiras festivas “tendência à continuidade”, pois, como exaram BROMLEY, SYMANSKI, GOOD, esta força “facilita a permanência dos padrões tradicionais” de locais de mercado e periodicidade (1980:185).

A vigência da feira na “festa da roça”, ou melhor, em sendo também a feira uma “tradição festiva da roça”, favorecerá a sua divulgação e o aumento no número de usuários, acarretando crescimento do mercado. De outro modo, o seu crescimento é “circular e cumulativo”, para o que contribui a “vantagem inicial” (originariamente vinculada à existência de dias apropriados ao comércio) e o “peso da tradição” (a própria tradição festiva), “variáveis que são tanto culturais e históricas como econômicas” (BROMLEY, SYMANSKI, GOOD, 1980:195). Após estas rápidas

discussões teóricas, vejamos algumas, 2000; JACÓB, 2000; SANTUÁRIO DE TRINDADE, 1 jul. 1924). É provável que este medalhão, “achado” ou “trazido”, ficasse exposto num oratório, já que diante deste nicho, “tanto nas cidades como na zona rural”, praticavam-se os rituais da “religião doméstico-familiar” (SANTOS, 1984; AZZI, 1978).

Ainda segundo a tradição trindadense, este ritual atraiu a atenção dos vizinhos, que passaram “assistir a estes actos de religião em tão grande numero que o dono da casa se viu obrigado a construir um rancho para abrigar os devotos” (SANTUÁRIO DE TRINDADE, 1 jul. 1924: 2). A inauguração do rancho, marco da primeira festa oficial, ocorreu em 1843, “na qual é provável que tenha havido missa, procissão e um pequeno comércio, este último quiçá com o objetivo de arrecadar fundos para a construção de uma capela” (MAIA, 2003). Posteriormente, em 1850, iniciou-se o ato devocional de doação de patrimônio ao “Santo”, primeiro pelo casal Xavier, depois por outras “famílias trindadenses”. Ressalte-se que os patrimônios, ou seja, as “terras doadas ao santo”, impulsionaram o surgimento de vários arraiais no Período Colonial. Foi neste momento que o antigo medalhão foi substituído por uma imagem esculpida em madeira, para a qual teria sido erguida uma capelinha em alvenaria, que sofreria reformas em 1866 (JACÓB, 2000). Doze anos mais tarde, sob a gerência de uma comissão de leigos e, provavelmente, com os incentivos do bispo reformador D. Joaquim Gonçalves de Azevedo, construir-se-ia uma capelinha maior.

As vicissitudes por que passou a diocese de Goiás no que se refere à alocação de seus bispos (MAIA, 2002) fizeram com que uma “Irmandade” assumisse o controle da festa, Irmandade esta que se intitulou responsável pela Igreja e pelas solenidades festivas: missa cantada, novenas e procissão solene (COMPROMISSO DA IRMANDADE DO DIVINO PADRE ETERNO DE BARRO PRETO, 1888). Além disso, com a autoridade episcopal ausente, os eventos profanos, inclusive a feira, conquistaram seu espaço e seu público, o que causou estranheza aos que provinham de outras partes, tais como vemos nas seguintes palavras do viajante Oscar Leal ao visitar a festa em 1890:

“Havia gente de todas as classes, e este pessoal o dividirei pela seguinte forma: Em primeiro lugar os curiosos a cujo numero pertencem sempre em taes occasiões, em segundo os devotos, em terceiro os negociantes e especuladores de todo genero, jogadores, etc...

Até alta noite, so se ouvia ao longo da vasta praça as vozes dos fieis

que em grupos se arrastavam de joelhos ao redor da igreja. Nunca ouvi cantares e vozes tão ratonas como n'esta ocasião” (LEAL, 1980:149).

O espanto de Oscar Leal foi compartilhado por D. Eduardo Duarte e Silva, primeiro bispo que efetivamente tentou disciplinar a “piedade popular” na Festa de Trindade:

“...Barro Preto insignificante arraial só era conhecido pelos muitos milagres que a simplicidade do povo, atribuía não a Deus e sim (...) aquêle grupo de pequenas imagens e até que eu lá instalace os Padres Redentoristas, não passava de um lugar onde por doze dias acodiam negociantes de todo o Estado de Goiás, boiadeiros, mascates, mulheres de má vida, circos de cavalinhos e milhares de superstições, devotos que lá iam pagar as suas promessas, não poucas vêzes feitas para obterem de Deus cousas contra a moral Cristã: Vinganças, separações de casais, adulterios e etc.!” (SILVA, 1962:82).

Tencionando debelar os abusos verificados em Trindade, D. Eduardo trouxe missionários da Baviera para controlar o templo e os cofres, fato que desagradou a “Irmandade do Divino Padre Eterno”. Pelo contrato, além de disporem dos rendimentos da romaria, os missionários teriam privilégios que descontentaram os “irmãos de mesa, irmãos do cobre”, nas palavras de D. Eduardo (SILVA, 1962:37), passando, em efeito, a insuflar revolta contra os “frades alemães”.

Além disso, o bispo realizou missões religiosas, elaborou protestos de advertência e escreveu cartas pastorais, tudo em prol da “santificação da festa”. Como nada disso surtiu o efeito esperado, tomou a medida extrema de mudar a data da romaria, pois assim a Festa coincidiria com as Festas de Muquém “e de outra capela pertencente à Paróquia de Corumbá, e assim o povo estaria disperso por três lugares diferentes” (SILVA, 1962:5). O radicalismo de tal medida causou tanto descontentamento que, por pouco, o bispo não foi assassinado (JACÓB, 2000; COELHO, 2003; MAIA, 2003), levando-o a lançar um Interdito sobre o Santuário que se prolongou de 1900 até 1903. Durante a vigência do Interdito, segundo matéria publicada no jornal SANTUÁRIO DA TRINDADE, a cidade “parecia então acabar-se e as casas eram vendidas a cinquenta mil reis” (3 dez. 1924, p. 1). A operação de D. Eduardo, na época, desestruturou a relação do comércio periódico com os habitantes locais, tornando a cidade decaída. O afastamento dos romeiros, causado pelo interdito

do Santuário, inviabilizou a presença de comerciantes que locavam pontos nas propriedades dos trindadenses. O movimento de romeiros regrediu até 90% e os prejuízos econômicos e sociais para os comerciantes, locadores de pontos e até para o Santuário foram imensuráveis. No dia 27 de outubro de 1903 foi levantado o Interdito da Igreja de Trindade e a cidade refloresceu, juntamente com a romaria e a feira.

Em 1911, houve a demolição do antigo templo, o qual deu lugar a outro mais espaçoso. Neste momento, Goiás estava sob o báculo de D. Prudêncio Gomes da Silva, que denominou o novo templo de “Episcopal Santuário da Santíssima Trindade”. Embora a denominação de “Episcopal Santuário” reflita, por um lado, que a festa, nesta época, em sua dimensão religiosa, já fosse “controlada” pela Igreja (o que não ocorria, como vimos, no século XIX), por outro demonstra também o seu crescimento *in totum* (a ponto de erguer-se o novo Santuário, o maior do mundo dedicado a Deus Pai), consagrando “o caráter regional da romaria” (MAIA, 2003), que passou a atrair romeiros, curiosos e comerciantes de locais cada vez mais distantes:

“...Havia romeiros de 60, 80 100 e mais legoas de distância. Como a localidade é pequena para abrigar tão grande multidão levantam-se todas, barracas e cabanas em todos os quintaes e circunvisinhanças... Não podemos porem passar em silencio um mal infelizmente muito em voga e para o qual pedimos atenção das autoridades competentes. Em S. Paulo, Rio, Minas e outros estados são tomadas medidas as mais energicas contra o jogo e a prostituição públicos, mal hediondo que procura se introduzir em semelhantes festas...” (SANTUÁRIO DE TRINDADE, 12 jul. 1924:2)

“Certo negociante havia trazido de São Paulo muitas lingüiças, salames, etc. O povo desconfiado não comprou as lingüiças, embora o negociante comesse as tais lingüiças á vista de todos para animar a freguezia. Goiano não come o que não conhece” (CHRONIK VON CAMPINAS, 1937:292 - Relato da Festa de 1933).

“Novidade constituiu o cinema publico de propaganda pela Casa Bayer. Um automovel proprio, provido do alto falante e de todo necessario possibilita essa propaganda ‘norte americana’ que fez ‘furore’ perante os sertanejos muitos dos quaes terão visto semelhante ‘trem’ pela primeira vez na vida” (CHRONIK VON CAMPINAS, 1937:359 - Relato da Festa de 1936).

4) Aqui Não Paga, Mas Também Não Leva

No momento recente, verificamos em nossas pesquisas que os conflitos com a Igreja em relação aos modos como o sertanejo expressa sua devoção diminuíram bastante, sendo lembrados como “fatos lendários” no veículo oficial de divulgação da festa, a revista Terra Goya, publicação redentorista. As ações pastorais e a própria mudança da “tradição como compreensão de mundo” (MAIA, 2002) fornecem razão a isto.

No que se refere às atividades de comércio, notamos que estas foram disciplinadas pelo poder público, orientado pela igreja. Desse modo, condenou-se e “proibiu-se” a venda de bebidas alcoólicas nas barraquinhas instaladas ao longo da Rodovia dos Romeiros, que liga Goiânia à Trindade, a fim de manter a piedade no deslocamento. Dentro da cidade, antes de 2001, as barracas alocadas nas áreas públicas eram construídas com estrutura de madeira, ou bambu, e cobertas com folhas de palmeiras e lonas de panos ou plásticas, trazendo para o núcleo urbano de Trindade resquícios tradicionais de uma paisagem rural. Não havia também tanta preocupação com o cadastramento e fornecimento de autorização para os ambulantes, “informais” em relação à festa, bem como para os pedintes. Desde aquele ano, as barracas no espaço público são montadas com estrutura metálica, cobertas com um toldo azul e/ou branco, contendo o distintivo do Governo do Estado de Goiás e da Prefeitura de Trindade. Estas alterações, juntamente com outras melhorias (instalação de sanitários químicos, fornecimento de água tratada pela Saneago - Saneamento de Goiás S/A - e uniformização dos mendigos), têm agradado os comerciantes. Dos 54 comerciantes entrevistados em 2001, 59% aprovaram as mudanças ocorridas naquele ano.

Ainda há na festa um “trem” novo para ser visto nas inúmeras barraquinhas que vendem de tudo: utilidades e bugigangas, comidas e bebidas, artigos religiosos e eróticos. As áreas de maior concentração do comércio varejista periódico no tempo-espaço da Festa do Divino Pai Eterno, nas quais realizamos nossas pesquisas, estão na Avenida Manuel Monteiro, Largo da Prefeitura, Beco dos Aflitos, Rua Irany Ferreira e nas proximidades do Santuário Novo.

Na Av. Manuel Monteiro concentravam-se as barracas de bebidas e alimentos, os ranchões, jogos de azar e, à noite, há grande afluxo de pessoas para a dança e a bebedeira – tal como acontecia antanho. Nesta área, os pontos encontravam-se nos dois lados das calçadas das residências (áreas particulares) e nas ilhas desta avenida (áreas públicas). Aí os pontos eram locados por 150,00 a 480,00 Reais, conforme frequência

de consumidores nas áreas públicas. O alvará de licença da prefeitura custou entre 20,00 e 35,00 Reais e a energia, paga em separado à CELG (Cia. Energética de Goiás), de 30,00 a 180,00 (conforme o número de lâmpadas, refrigeradores e outros aparelhos elétricos). Os pontos nas áreas particulares desta avenida custaram entre 100,00 e 250 Reais aos locatários, cuja maioria provinha de Goiânia ou residia na própria Cidade de Trindade.

O Largo da Prefeitura é uma área muito visada por expositores de confecções, custando, em 2001, R\$ 135,00 a locação do ponto, R\$ 35,00 o alvará de licença e R\$ 15,00 a taxa de energia. Nesta área podiam-se encontrar, tanto nos espaços públicos como nos particulares, os “lojões” de ferragens, utilidades domésticas e outros. A maioria dos comerciantes era de Goiânia e Aparecida de Goiânia (expõem confecções), Trindade (confecções e couros), São Paulo (ferragens e utilidades domésticas).

No Beco dos Aflitos há somente áreas particulares e a locação de um ponto custava até R\$ 3.000,00, pois o “trânsito” de pessoas é muito intenso. Nesta área eram locadas as lojas, as calçadas e os alpendres das casas. Expunham-se confecções, artigos em couro, bijuterias, óculos de sol, eletrônicos, sorvetes e os comerciantes eram oriundos principalmente de Goiânia, Trindade e São Paulo.

Na Rua Irany Ferreira pagava-se cerca de R\$ 250,00 pelo ponto do lado de dentro dos portões (muitos são desmontáveis, pois, nesta área, é proibido armar barracas sobre as calçadas devido à passagem das procissões) e muros das residências, incluindo o direito de permanecer nos alpendres, quintais e utilizar os banheiros. Os produtos eram, em sua maioria, artigos religiosos, importados e os comerciantes provêm de Aparecida do Norte (SP).

Nas proximidades do Santuário Novo, os pontos particulares (da Igreja e dos residentes locais) podiam custar até 300,00 Reais e os pontos das áreas públicas, cerca de R\$ 130,00. Ali comercializavam bebidas, alimentos, confecções, artesanatos religiosos e predominavam os comerciantes de Goiânia e Trindade. Os ambulantes pagavam R\$ 10,00 pela permissão para comercializar em áreas pré-determinadas pela prefeitura (nas proximidades do Santuário Novo os ambulantes não podiam circular). Estes eram de diversos lugares do Estado de Goiás e de outras unidades da federação nacional e vendiam de tudo: refrigerantes, cervejas, sucos, churrasquinhos, salgados, confecções, couros, brinquedos e muitos outros produtos. Havia ainda os mendigos-comerciantes de postais e lembrancinhas de Trindade, dispostos principalmente nos arredores dos Santuários (“velho” e “novo”), cujo material comercializado era doado,

podendo-se levar todo lucro arrecadado para “casa” ou consumir mercadorias. Há mendigos de todos os lugares do país.

Os locatários de pontos na Festa de Trindade elogiavam os locadores pela hospitalidade e por serem finos no trato e vice-versa. Os comerciantes também ficavam satisfeitos, em geral, com os resultados da “feira”. A romaria de Trindade é a mais lucrativa, segundo informações dos comerciantes: de 81 questionários aplicados em 2002, 58% afirmaram que a Festa de Trindade é a mais rentável.

5) Na Romaria Passa Boi, Passa Boiada

No Estado de Goiás, existe uma explicação que nos auxilia no entendimento sobre a comercialização nos dias festivos. Na terceira fase de ocupação, na dita “decadência” e declínio da mineração e transição para uma sociedade agrária, entre 1778 e 1822, muda-se a economia urbana mercantil para a economia de subsistência. Nesta época, ocorre o esvaziamento dos arraiais, fortificando a ruralização. A regularidade da prática de uma econômica subsistência tornou os núcleos urbanos que resistiram ao declínio do ouro dependentes do campo para o fornecimento de alimentos. Paralelamente, neles os “roceiros” adquiriam os produtos necessários à vida no campo e toda população (da roça e do arraial) se reunia nos momentos festivos, quando o aglomerado de gente atraía comerciantes provenientes de diversas partes.

O Santuário do Divino Pai Eterno em Trindade surge numa época em a capital da Província era a Cidade de Goiás, situando-se nas proximidades de um dos caminhos que ligava esta cidade ao Sudeste. Como os demais caminhos do sertão goiano, este possuía condições precárias, principalmente na época das chuvas. O deslocamento para a festa por romeiros, comerciantes e curiosos era feito a pé, a cavalo, em carroças, ou carros de bois. Este último, que nos interessa, é um veículo construído com uma base de madeira em forma de cálice, um eixo bem espesso, duas rodas de mais ou menos um metro de diâmetro, com aro de ferro e laterais em esteira de bambu. Este veículo era (é) utilizado para transportar sacas de mantimentos, coletar milho em espigas nas bandeiras (espigas de milho secas colhidas e amontoadas no interior de uma roça), lenha, cana para fazer rapadura, material para construção de casas e outros; sendo também um transporte de pessoas em certas ocasiões, como nas festas religiosas, pois conduzia toda a família ao local da festa para pagar promessa e o próprio animal para ser abençoado. Vejam-se os seguinte depoimentos:

“há quem não abra mão do carro de boi. Em Mossâmedes, mais exatamente na Fazenda Paraíso, e na região de Anicuns, Capelinha e Americano do Brasil, um grupo de famílias conservou, intacta, essa tradição.

Ali se planta e se colhe, e também se prepara a romaria como sempre se fez. Todo o trabalho é coordenado por Antônio Horácio Amorim (Seu Tota), 68 anos, desde criança participando das romarias, e por João Costa Filho (Fio Bonito), 70 anos de vida e de estrada. ‘Só depois de casado tive meu próprio carro de boi’, lembra Seu Tota, ‘e pude trazer sempre a família para rezar na festa do Divino’. São 150 quilômetros de estrada até que se aviste o Santuário do Pai Eterno, para o pouso, a bênção, a devoção.” (<http://www.coisasdafazenda.com.br/estorias/folclore/carreiros.htm>, acesso em 25/09/05)

“Maria José de Moraes, 50, residente na zona rural de Petrolina de Goiás, a 20 quilômetros de Ouro Verde, também participa da romaria até Trindade desde criança. Primeiro vinha a cavalo, depois, em carros-de-boi e carroças. Por duas vezes, ela fez o percurso de 70 quilômetros a pé, agradecendo ao Pai Eterno pela cura de sua filha Olímpia Divina de Moraes, hoje com 20 anos (O POPULAR, 28/06/2001: 4B)”.

O filho de Maria José, acima citada, Alexandre José de Moraes, de 27 anos de idade, olericultor em Petrolina, no mesmo artigo, ressalta a utilidade dos carros de bois por sua resistência e rusticidade. É um meio de transporte tradicional, tornando-se muito eficaz em estradas esburacadas e nos tempos de chuvas:

“Alexandre informa que nos municípios de Ouro Verde, Petrolina de Goiás e São Francisco de Goiás o carro-de-boi ainda tem muita utilidade. Nas pequenas propriedades da região, é usado para transportar lenha e o milho colhido nas roças. Rústico e resistente, puxado por bois da raça caracu, transita por ladeiras, atoleiros e estradas esburacadas. Quando se aproxima a Festa do Divino Pai Eterno, os carros ganham uma cobertura feita com cipó d’água, bambu

verde e couros de boi. Cobertos, podem transportar mantimentos, roupas, panelas e pessoas” (O POPULAR, 28/06/2001: 4B).

Este tipo de transporte se deve, logicamente, ao fato de no Brasil não haver, na época, veículos sofisticados e nem uma rede de estradas pavimentadas. Porém, mesmo com o desenvolvimento destas, a tradição dos carreiros continua. Pode-se mesmo dizer que os carreiros são atores fundamentais do catolicismo popular nos sertões do Brasil, bem como das festas ocorridas por intermédio dos “motivos”. Os motivos são ocasiões em que os “roceiros” cooperam para auxiliar na limpeza da roça de arroz, milho, do bananal, do rego d’água (canal que leva água do córrego até a casa da família), etc. Quando há um beneficiado pelo mutirão, este fornece a comida, a merenda, promove uma “pelada” de futebol no fim da tarde, a reza do terço e, debaixo do toldo de pano ou palha de palmeiras, faz-se o forró.

Os carreiros, pessoas que utilizam os carros-de-boi é um evento único em todo o mundo e resgata a cultura do povo goiano, num espetáculo que dura mais de quatro emocionantes horas” (TRINDADE COM FÉ, 2001). São inúmeros os ambulantes que aproveitam a aglomeração de carros de bois, além das barracas montadas ao longo das calçadas no local. O sol quente, apesar do “inverno”, gera a necessidade de consumo de água, sucos e refrigerantes para saciar a sede, motivo pelo qual nota-se a concorrência de ambulantes vendendo estes produtos.

A viagem para a festa é esperada e ritualizada, conforme notamos nos seguintes trechos:

“Maio e junho é tempo já de preparar a romaria. Os ovos são guardados na areia para melhor conservação. Ajeita-se o sabão caseiro. Começa o preparo dos doces de figo, de laranja, de leite. E quitanda, muita quitanda: biscoito, bolos, broas e pãezinhos especiais. Mata-se o capado e prepara-se as latadas de carne para a viagem e o tempo da festa. Cada detalhe é importante. Cada gesto tem já um sentido de fé: o Pai Eterno espera para a bênção de todo ano.

No finalzinho de junho, os carros de bois são preparados para a grande viagem. Acomodam-se as latas de alimentos, sacos de roupas, colchões e tamboretas, lonas e madeira para a barraca. Manhãzinha

chegada, uma oração para o Divino e começa a solene caminhada, em meio à cantoria dos carros⁴”.

A tradição de ser carreiro é tão sensível entre aqueles romeiros que, como aponta OLIVEIRA, nem a chegada do “progresso” conseguiu extingui-la:

“Por muitas dezenas de anos, os devotos do Divino Pai Eterno chegavam a Trindade a cavalo e nos velhos carros de bois, na cantoria sentida de suas rodas. A chegada do progresso mudou tudo. Aos poucos, os carros de bois foram sendo substituídos por caminhões e carros de passeio, tirando o encanto da cantoria de tanto tempo. Mas há quem não abra mão do carro de boi. Em Mossâmedes, mais exatamente na Fazenda Paraíso, e na região de Anicuns, Capelinha e Americano do Brasil, um grupo de famílias conservou, intacta, essa tradição” (2001:10).

Na Festa, notamos a presença de sitiantes no santuário, principalmente os carreiros, que se confundem com romeiros de outras cidades. Além de participarem do desfile de carros de bois no “carreiródromo”, assistem à “missa dos carreiros”. Esta celebração, que ocorre no sábado que antecede a culminância da festa, é

“voltada especialmente para quem chegou em Trindade em carros de bois e em folias – que aumentou o interesse dos fiéis. Atualmente, os carreiros vão a esta missa com suas varas de ferrão, os foliões com seus instrumentos e bandeiras, e ambos os grupos participam ativamente de alguns momentos da celebração: os foliões fazem a abertura, com cantorias, e alguns carreiros sobem no altar para fazer algumas leituras durante a cerimônia” (NASCIMENTO, acesso em 25/09/05).

Depois de rezarem e deixarem votos, os festejos promovem a reunião dos carreiros e “conversê” (na linguagem caipira) com outros, o que não ocorre durante a missa, lugar do silêncio. No espaço considerado profano, o forró, as barracas que servem frango assado, entre outras iguarias, e bebidas, a prostituição, o parque de diversões e os jogos (bingo, roleta, “pescaria”, tiro ao alvo) aguardam todos para o ajuntamento. Confecções, utilidades domésticas e bugigangas demonstram o que é moda, sendo desejados e consumidos pelos participantes da festa. Tudo isso *num só*

⁴ (<http://www.coisasdafazenda.com.br/estorias/folclore/carreiros.htm>, acesso em 25/09/05)

espaço de devoção à santidade; ou seja, a fé (sacralidade) e a farra (profanidade) são elementos que se atraem, divergem, mas não se excluem.

A festa é um evento importante para o trabalhador que vive no campo e participar é um ato que desperta prazer ao romeiro na comunhão estabelecida com Deus. Paralelamente, tem-se a dose de sacrifício e emoção pelo retorno à festa (MAIA, 2001): sacrifício em percorrer estradas asfaltadas com carros de bois, por permanecer em pousos improvisados, por dormir ao relento, etc; e emoção ao renovar o compromisso de ser devoto ao Divino Pai Eterno. Mas a emoção supera a dor e os percalços sofridos no caminho em direção à Trindade, fazendo com que o romeiro sintam-se em casa, entre irmãos, filhos de um mesmo Pai que os protege e pelo qual realizam os atos de sacrifício. A tradição e a fé dos devotos da zona rural mantêm viva a grande festa em Trindade, em que o comércio também é festa.

6) Fim de Festa: xepa e volta para casa

Os comerciantes sempre aproveitam a ressaca da festa (que se estende de segunda à quarta-feira após o encerramento oficial da romaria no primeiro domingo de julho, chegando alguns a permanecerem até sábado) para anunciar as promoções de “ponta de estoque”. Isso é notado no Largo da Prefeitura e adjacências, sendo que, nas outras áreas, os comerciantes abandonam os pontos no domingo e segunda-feira pela tarde. Durante a ressaca, a cidade transforma-se em grade praça de comércio, notando-se grande concorrência de consumidores pechinchando nas barracas na tentativa de ajustar o preço das mercadorias com os comerciantes (JESUS, 1992).

Para os carreiros, o retorno, assim como a ida, segue determinados rituais:

“ Cinco da madrugada, a missa de despedida, a bênção para o solo que vai ser preparado, a oração para o plantio e a colheita, a reza para a chuva chegar no momento da semente ceder ao broto.

O canto dos carros de bois na estrada de volta é sempre grito de vida pro ano que volta a começar. E haverá então o plantio, a colheita, o biscoito na lata, a canga no boi. A romaria não pode acabar”.

(<http://www.coisasdafazenda.com.br/estorias/folclore/carreiros.htm>, acesso em 25/09/05)

Fim de festa, fim de nossas investigações, como vimos, acredita-se que a feira no tempo-espaço da Festa do Divino Pai Eterno seja uma atividade exercida desde longa data, ocorrendo nos primórdios da romaria no antigo Arraial de Barro Preto (dos tempos

de Constantino Xavier Maria e sua Esposa Ana Rosa), atual Trindade. Era e é praxe promover festas de santos acompanhadas com quermesse, no intuito de granjear fundos para o “santo”, para os membros de irmandades e festeiros. Os lugares de festas se tornavam e se tornam — como é o caso de Trindade atualmente — verdadeiros centros de comércio, de socialização e ajuntamento de pessoas periodicamente. Na atualidade, a cidade de Trindade é um dos espaços mais importantes para a realização de comércio em forma de feira-festa do Centro-Oeste brasileiro, pois a cada ano que passa, aumenta o número de romeiros. Estes demandam cada vez mais a satisfação de suas necessidades, daí a convergência de grande número de comerciantes temporários para aquela localidade.

Notou-se que a tradição e a fé dos romeiros não foram superadas pelo avanço técnico dos meios de transportes e acredita-se que, com as melhorias no desfile dos carreiros, por exemplo, outros carreiros vão ser atraídos, aumentando o fluxo na rede de acesso ao santuário:

“A passarela dos carros-de-boi, uma novidade na festa de Trindade, foi bem recebida por Benedito Félix de Moraes, de 56 anos, o patriarca dos carreiros de Ouro Verde, que participa da Festa do Divino Pai Eterno desde criança, quando não havia estradas ligando Ouro Verde a Trindade e os romeiros tinham de vir a cavalo, conduzindo tropas de burros. ‘Vai ser um incentivo muito grande. Com essa passarela, muita gente vai querer trazer seu carro-de-boi para Trindade’ — festejou ele, ao tomar conhecimento da inovação” (O POPULAR, 28/05/2001: 4B).

Por fim, pensamos que a tradição rural de realização de festas de santo fornece inúmeras possibilidades de investigação em Geografia Agrária, Regional e de estudos com enfoque Cultural.

7) Referências Bibliográficas:

A ROMARIA dos carreiros.

<http://www.coisasdafazenda.com.br/estorias/folclore/carreiros.htm>. Acesso em 25/09/05.

AZZI, Riolando. **O Catolicismo Popular no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1978. 158 p.

BARRETO, Lima. **Feiras e Mafuás**. São Paulo, Brasiliense, 1956, p. 21-8.

BROMLEY, R.J., SYMANSKI, R., GOOD, C.M.. Análise Racional dos Mercados

- Periódicos. In: **R.B.G.** Rio de Janeiro, IBGE, 42 (1), 1980, p. 183-94.
- CAILLOIS, Roger. **O Homem e o Sagrado**. (Trad. Geminiano C. Franco). Lisboa: Edições 70. S.d., 179 p.
- O POPULAR. Goiânia, 28 jun. 2000. Cidades, p. 2-4B.
- O POPULAR. Goiânia, 30 jun. 2000. Cidades, p. 4B.
- CHRONIK von Campinas. Campinas, 1937 (manuscrito).
- COELHO, Tito O. **O comércio varejista periódico no tempo-espaço da Festa do Divino Pai Eterno em Trindade**. 172 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2003.
- COMPROMISSO da Irmandade do Divino Padre Eterno do Barro Preto. Feito no Consistório da Igreja do Divino Padre Eterno do Barro Preto, districto de Campinas, Termo do Bomfim, Comarca do Rio Corumbá, 1888.
- CORRÊA, R.L. A rede de localidades Centrais nos Países subdesenvolvidos. In: **R.B.G.** Rio de Janeiro, IBGE, 50(1), 1988, p. 61-83.
- DORIAN, Amanda. Carros de boiss invadem Trindade. *O Popular*, Goiânia, 30 jun. 2000. Cidades, p. 4B.
- DURKHEIM, Émile. **Formas Elementares da Vida Religiosa**. (Trad. Joaquim Pereira Neto). São Paulo: Edições Paulinas, 1989. 536 p.
- DUVIGNAUD, Jean. **Festas e Civilizações**. (Trad. L. F. Raposo Fontenelle). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1983. 236.
- FREUD, Sigmund. Totem e tabu. (Trad. Órizon Carneiro Muniz). In: **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1974. Vol. XIII, p. 13-198.
- GIRARD, René. **A Violência e o Sagrado**. (Trad. Martha Conceição Gambini). 2ª ed., São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1990. 410 p.
- IBGE. **Enciclopédia dos Municípios**. Rio de Janeiro, IBGE, Vol. XXXVI; 1958.
- ISAMBERT, François-André. **Le Sens du Sacré**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1982. 314 p.
- JACÓB, Amir Salomão. **A Santíssima Trindade de Barro Preto**. Trindade: Redentorista, 2000. 358 p.
- JESUS, Gilmar M. de. O lugar da feira livre na grande cidade capitalista: Rio de Janeiro, 1964-1989. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro vol. 54(1), p. 95-120, jan./mar. 1992.
- LEAL, Oscar. **Viagem às Terras Goyanas (Brazil Central)**. Goiânia, EdUFG, 1980,

255 p.

MAIA, Carlos Eduardo S. O Retorno para a festa e a transformação mágica do mundo: nos caminhos da emoção. In: ROSENDAHL, Zeny, CORRÊA, Roberto Lobato.

Religião, Identidade e Território. Rio de Janeiro, Eduerj, 2001, p. 177-98.

———. Enlaces **Geográficos de um Mundo Festivo – Pirenópolis: a tradição cavaleiresca e sua rede organizacional**. Rio de Janeiro, PPGG/UFRJ, 2002, 308 p. Tese. (Doutorado em Geografia).

———. Os “Bispos Dalém”, os “Frades Gringos” e a “Gente do Sertão” no Santuário do Divino Pai Eterno (Trindade - GO): Sobre quem quer falar com Deus – da “Romanização” à “Restauração”. In: Historical Dimensions of the Relationship Between Space and Culture. Rio de Janeiro Conference. **Anais...** Rio de Janeiro, Cnpq, Capes, UFRJ, UERJ, jun. 2003.

MARTINS, João O. *Os peregrinos do Divino Pai Eterno: os carreiros e a reprodução social da tradição.* 2001. 169 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Departamento de Filosofia e Teologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2001.

NASCIMENTO, Silvana S. Em busca da Trindade um estudo antropológico sobre a romaria goiana. Disponível em: <http://members.tripod.com/bmgil/nss06.html>. Acesso em 25/09/05.

OLIVEIRA, Pe. Vicente A de. A incansável saga da fé e das estradas. **Goiás agora.** Goiânia, ano 1, n. 4, p. 10-11, jun. 2001

SANTOS, Miguel Archângelo Nogueira dos. **Missionários Redentoristas Alemães em Goiás – uma participação nos movimentos de reforma e de restauração católicas (1894-1944).** São Paulo, Universidade de São Paulo/Departamento de História, 1984, vol I, 349 p. Tese. (Doutorado em História).

SANTUÁRIO DE TRINDADE. Campinas, 01 jul. 1924, ano 3, n.º 65.

SANTUÁRIO DA TRINDADE. Campinas, Redentorista, 12 jul. 1924, anno 3, n.º 66.

SANTUÁRIO DA TRINDADE. Campinas, Redentorista, 03 dez. 1924, anno 3, n.º 88.

SILVA, Eduardo Duarte (Bispo). **Autobiografia - inédita.** Trindade, 1962, 88 p (Datil.).

TERRA GOYÁ. 17ª ed., Goiânia, Redentorista, jan. 2000.

TRINDADE COM FÉ. Romaria do Divino Pai Eterno. 22 de jun/ 1 jul. de 2001. (revista informativa do evento com apoio do governo de Goiás e do prefeito de Trindade).